

HRJ

v.3 n.14 (2022)

Recebido: 17/11/2021

Aceito: 06/12/2021

Avaliação do uso de equipamentos de proteção individual pela equipe de enfermagem

Walquíria Gomes de Oliveira¹
Jacqueline Ramos de Andrade Antunes Gomes²
Fernanda Pereira de Oliveira³

¹Enfermeira residente do programa de residência uniprofissional de enfermagem em centro cirúrgico ESCS/FEPECS/SES-DF

²Enfermeira Coordenadora do programa de residência uniprofissional de enfermagem em centro cirúrgico ESCS/FEPECS/SES-DF

³Enfermeira Especialista da Secretaria de Saúde do Distrito Federal

RESUMO

Introdução: A equipe de enfermagem representa a maior força de trabalho dentro das unidades de saúde e está continuamente exposta à diversos riscos visto que está diretamente ligada à procedimentos invasivos e em contato com fluídos corpóreos constantemente. Acompanham os pacientes 24 horas por dia, independentemente da unidade de internação.

Objetivo: Um diagnóstico acurado acerca do conhecimento dos profissionais sobre o uso dos EPIs (Equipamentos de Proteção Individuais) permitindo a visualização das fragilidades da assistência e possibilitando a supervisão de enfermagem das intervenções a serem realizadas em caráter educacional visando maior qualificação de sua equipe. **Método:** Pesquisa de caráter exploratória e descritiva com abordagem quantitativa a ser realizada através da aplicação de questionário para a equipe de enfermagem de um centro cirúrgico da Secretaria de Saúde do Distrito Federal. **Resultados e discussão:** As respostas analisadas demonstram um grau de dificuldade e desconhecimento sobre o uso dos EPIs pela equipe. **Conclusão:** Faltam EPIs, protocolos sobre a utilização e atividades educacionais que orientem os servidores sobre o uso correto dos equipamentos disponíveis.

Palavras-chave: Enfermagem, EPIs, centro cirúrgico.

Evaluation of the use of personal protection equipment by the nursing team

ABSTRACT

Introduction: The nursing team represents the largest workforce within healthcare facilities and is continually exposed to various risks as it is directly linked to invasive procedures and constantly in contact with bodily fluids. They accompany patients 24 hours a day, regardless of the inpatient unit. **Objective:** An accurate diagnosis about the knowledge of professionals about the use of PPE (Personal Protective Equipment) allowing the visualization of the fragilities of care and enabling the nursing supervision of interventions to be carried out in an educational nature aiming at greater qualification of their team. **Method:** Exploratory and descriptive research with a quantitative approach to be carried out through the application of a questionnaire to the nursing staff of a surgical center of the Health Department of the Federal District. **Results and discussion:** The analyzed answers demonstrate a degree of difficulty and lack of knowledge about the use of PPE by the team. **Conclusion:** There is a lack of PPE, protocols on the use and educational activities that guide servers on the correct use of available equipment.

Keywords: Nursing, PPE, surgery center.

INTRODUÇÃO

A importância do uso dos equipamentos de proteção individual (EPIs) é mundialmente conhecida e tem por objetividade a proteção dos trabalhadores buscando evitar acidentes de trabalho e/ou o desenvolvimento de doenças ocupacionais. A assistência à saúde prestada no ambiente hospitalar está diretamente ligada a condições insalubres que colocam em risco a integridade dos profissionais envolvidos¹.

As atividades desenvolvidas em uma unidade hospitalar oferecem variados riscos, tanto aos pacientes quanto aos profissionais envolvidos no processo saúde-doença. Tentando minimizar a exposição, áreas como segurança do paciente e saúde do trabalhador foram desenvolvidas com objetivo de proteger os agentes envolvidos em todas as ações durante o período de internação¹.

A equipe de enfermagem é responsável pelos cuidados diretos e indiretos aos pacientes; são esses os trabalhadores que mais sofrem com as condições de trabalho inadequadas e com a insalubridade do local de trabalho, visto que estão diretamente ligados a procedimentos invasivos e em contato com fluídos corpóreos. Além disso, acompanham os pacientes por 24 horas, independentemente da unidade de internação. Sendo esses os profissionais que representam a maior força de trabalho dentro das unidades de saúde, são também os que mais se encontram expostos aos principais riscos ocupacionais, biológicos, químicos, físicos, ergonômicos e psicossociais das unidades de saúde¹. Nesse sentido, vale observar que as condições mencionadas por¹:

“O surgimento das doenças ocupacionais originadas pela exposição a riscos ocupacionais leva os profissionais de enfermagem ao absenteísmo, gerando uma desorganização no serviço prestado, diminuindo a qualidade na assistência”¹.

Ressalta-se para a compreensão dessa realidade a abrangência de acidente de trabalho, que pode ser conceituada como uma ocorrência desagradável decorrente da atividade laboral exercida e que produz lesão corporal, perda de função ou doença que reduza a capacidade de trabalho. No caso dos profissionais, todo acidente de trabalho deve gerar uma Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), documento que informa à Previdência Social o acidente

ocorrido, mesmo que não haja afastamento do profissional de suas atividades².

Diante dos mencionados riscos, bem como dos desafios relacionados ao absenteísmo decorrente dos acidentes de trabalho e da importância da equipe de enfermagem no cuidado direto dos pacientes, os EPIs assumem especial relevância. Tais equipamentos são definidos como produtos de uso individual que protegem o trabalhador dos riscos decorrentes de suas atividades laborais que ameacem sua segurança e saúde. Sua importância na área da saúde pública relaciona-se com o seu papel crucial na manutenção da qualidade do atendimento à população. Vale lembrar que esses equipamentos devem ser fornecidos por seus empregadores em perfeito estado de funcionamento, sendo estes também responsáveis pelas atividades educativas que ensinam como devem ser utilizados³.

Em meio ao cenário de pandemia da COVID-19, doença infecciosa causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2), ressurgiu a repercussão da necessidade do uso correto de cada EPIs disponíveis no mercado. Destacou-se também a importância da educação continuada dos profissionais de saúde para o uso e descarte dos equipamentos. Não basta utilizá-los, faz-se necessária a paramentação e desparamentação correta, pois o não seguimento das etapas recomendadas expõe o profissional à contaminação/infecção por microrganismo ou substâncias que se deseja evitar, além de expor os pacientes à contaminação cruzada durante a assistência prestada⁴.

Antes mesmo da crise, o estudo realizado¹ já havia listado algumas doenças que podem ser originadas a partir da exposição aos riscos biológicos, entre elas estão: Hepatites virais, HIV/Aids e infecções respiratórias por vírus como o SARS-CoV-2.

Nesse sentido, mostra-se fundamental entender-se quais dificuldades relacionam-se ao uso dos EPIs pelos profissionais da saúde pública. Estudos anteriores relataram alguns motivos que dificultam o uso dos EPIs pelos profissionais de enfermagem, como:

A baixa adesão ao uso dos equipamentos de proteção individual e o seu manuseio incorreto são decorrentes de fatores como desconforto, incômodo, descuido, esquecimento, falta de hábito, inadequação dos equipamentos, quantidade insuficiente e a descrença quanto ao seu uso.

Esses fatores são agravados pela precária infraestrutura, aspectos organizacionais do trabalho, falta de conhecimento devido à não existência de educação permanente, sobrecarga de trabalho, estresse, cansaço físico e falta de tempo⁵.

Os trabalhadores de saúde são protegidos pela NR 32, além de terem a NR 6 que dispõe sobre a utilização dos EPIs. Os EPIs são definidos como produtos de uso individual que protegem o trabalhador dos riscos decorrentes de suas atividades laborais que ameaçam sua segurança e saúde e devem ser fornecidos por seus empregadores em perfeito estado de funcionamento, os empregadores também são responsáveis pelas atividades educativas que ensinam como utilizar os EPIs corretamente³.

“A adequação destes EPIs deve levar em consideração, não somente a eficiência necessária para o controle do risco de exposição, mas também, o conforto oferecido; se há desconforto no uso do equipamento, existe maior possibilidade de o profissional deixar de incorporá-lo no uso rotineiro”⁶.

Um diagnóstico acurado acerca do conhecimento dos profissionais sobre o uso dos EPIs permite a correta visualização de quais são as maiores fragilidades da equipe e possibilita que a supervisão de enfermagem consiga nortear quais devem ser as intervenções a serem realizadas em caráter educacional visando maior qualificação de sua equipe. É de suma importância que se realizem cursos e atividades de educação continuada sobre esse tema⁶.

Diante dos quesitos alavancados, decidiu-se avaliar o nível de conhecimento da equipe de enfermagem de um centro cirúrgico do Distrito Federal composta por auxiliares, técnicos e enfermeiros, sobre o uso dos equipamentos de proteção individual através de questionário previamente elaborado e aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário IESB. O objetivo desse estudo é revelar as fragilidades e os pontos que necessitam de maior atenção dos supervisores e gestores para o desenvolvimento de atividades de educação permanente.

MÉTODOS

A pesquisa é do tipo exploratória e descritiva com abordagem quantitativa a ser realizada no centro cirúrgico de um hospital do Distrito Federal, atualmente escolhido como hospital referência para trauma da Secretaria de Saúde durante a pandemia de COVID-19 e que atende a uma população de aproximadamente 300 mil habitantes distribuídos por 4 regiões administrativas do DF. O instrumento utilizado foi através de questionário submetido à apreciação do Comitê de Ética. Os dados, após a coleta foram avaliados pela técnica de estatística descritiva, traçando um perfil geral da equipe. Os participantes (amostra) foram selecionados de acordo com sua profissão, tendo como pré-requisito ser integrante da equipe de enfermagem. A amostra inicial era de 47 pessoas, no entanto devido aos afastamentos por férias, licença médica, abonos e realocação de setor, 9 servidores se isentaram da pesquisa, reduzindo a amostra para o total de 38 participantes. Os questionários foram aplicados nas dependências do centro cirúrgico garantindo a privacidade dos participantes e ficarão guardados pelo período de dois anos, após o tempo correspondente, serão destruídos.

Os critérios de inclusão foram: trabalhadores da equipe de enfermagem do centro cirúrgico; assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O critério de exclusão foi desistir da pesquisa ou recusa por opção.

Os participantes foram informados do objetivo e da finalidade da pesquisa e da garantia do anonimato, além do conhecimento do resultado em exposição no mural do setor. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado em duas vias, umas das vias ficando em posse do entrevistado e outra da pesquisadora. Há a possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; desconforto; estresse; quebra de sigilo; dano; cansaço ao responder as perguntas; e quebra de anonimato.

Os dados quantitativos coletados foram digitados, codificados e armazenados em tabelas do Microsoft Word. Os resultados serão apresentados em quadros para melhor visualização. Para a análise, foi utilizada estatística descritiva, adotando-se frequências e porcentagens.

O trabalho foi desenvolvido de modo a garantir o cumprimento dos preceitos da Resolução n. 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário IESB, CAAE nº 37710820.8.0000.8927, número do parecer: 4.274.269.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra pretendida no início do estudo era de 47 pessoas, no entanto devido aos afastamentos por férias, licença médica, abonos e realocação de setor 9 servidores não puderam participar da pesquisa, diminuindo a amostra para 38 participantes. Durante a análise dos dados foi possível verificar que, habitualmente a equipe de enfermagem é composta em sua maioria por mulheres, estas representando 58% da amostra, 32% homens e 10% não responderam à questão. Ao total foram 7 enfermeiros (18% da amostra) e 31 técnicos de enfermagem (82% da amostra) que responderam o questionário acerca do uso dos EPIs.

Tabela 01 - Quais são os EPIs fornecidos pelo seu empregador?

Variável	N	%
1. Gorro/touca	38	100%
2. Óculos de proteção	31	81,6%
3. Máscara cirúrgica	38	100%
4. Máscara N95	36	94,7%
5. Avental impermeável	24	63,15%
6. Roupas privativas	37	97,4%
7. Luvas de procedimento	38	100%
8. Sapato fechado e antiderrapante	0	0%

Fonte: Elaborada pela autora a partir do questionário aplicado.

Entre os assuntos abordados pelo questionário estava o tópico que questionava à equipe quais EPIs eram fornecidos pelo empregador, no caso a Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Os participantes da pesquisa poderiam marcar quantas opções quisessem, tendo assim a oportunidade de listar tudo que tinham disponível para desenvolver suas atividades em um plantão.

Para o funcionamento do centro cirúrgico, os EPIs são materiais indispensáveis. Sem eles não é possível realizar procedimentos que ofereçam segurança aos envolvidos no ato cirúrgico, como pacientes e equipe multiprofissional. Mínimo a ser disponibilizado: Gorro/touca, máscara cirúrgica, roupa privativa e luvas de procedimento. Todos são de extrema importância para a equipe, em sua ausência, torna-se inviável a continuidade da assistência. Outro equipamento de relevância é o sapato fechado e antiderrapante, onde não é fornecidos pelo empregador, cada servidor responsabiliza-se pela aquisição.

Tabela 02 – Uso e disponibilidade de EPIs no centro cirúrgico:

Variável	Sim	Na maioria das vezes	Não	Raramente
1. No centro cirúrgico você tem acesso aos EPIs necessários para desenvolver suas atividades?	19 (50%)	18 (47%)	1 (3%)	0 (0%)
2. Você utiliza todos os EPIs necessários às suas atividades?	17 (44,7%)	21 (55,2%)	0 (0%)	0 (0%)
3. Os EPIs fornecidos pelo seu empregador são de qualidade?	4 (10,5%)	17 (44,7%)	6 (15,8%)	9 (23,7%)
4. Você já precisou comprar algum EPI para garantir sua proteção?	23 (60,5%)	1 (2,6%)	11 (28,9%)	3 (7,9%)
5. Os EPIs fornecidos causam desconforto?	7 (18,4%)	6 (15,8%)	13 (34,2%)	12 (31,5%)
6. São realizados cursos que orientem o uso correto dos EPIs?	6 (15,8%)	5 (13,1%)	9 (23,7%)	18 (47,3%)

Fonte: Elaborada pela autora a partir do questionário aplicado.

A equipe relata ter disponibilidade de EPIs básicos para prestar a assistência de enfermagem, mas também a necessidade de comprar equipamentos por conta própria, o desconforto que por vezes é sentido com o uso e principalmente evidência a falta de capacitação que orientem o uso correto dos EPIs fornecidos.

Outro questionamento feito foi sobre a ocorrência de acidentes de trabalho e, caso a pessoa já tenha se acidentado se ela realizou a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT).

Tabela 03 – Acidente de trabalho e realização da CAT

Variável	Sim	Não
1. Você já sofreu algum acidente de trabalho?	12 (32,4%)	25 (67,6%)
2. Se você respondeu sim à questão anterior, quando sofreu o acidente de trabalho foi realizada a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT)?	7 (58,3%)	5 (41,7%)

Fonte: Elaborada pela autora a partir do questionário aplicado.

Também foi abordado se os servidores conheciam as normas NR 06 sobre Equipamentos de proteção individual e a NR 32 responsável pela proteção da saúde e segurança dos trabalhadores com assistência à saúde. A questão pedia que os servidores relacionassem as colunas relativas às duas normas: 36% da amostra demonstrou conhecimento sobre as normas regulamentadoras, os outros 64% da amostra responderam incorretamente.

Ao final do questionário, foram apresentadas três questões sobre tipos de precaução que direcionam o cuidado com os EPIs que devem ser usados de acordo com a colonização e enfermidade de cada paciente e também sobre a sequência de paramentação e desparamentação adequadas aos procedimentos de enfermagem. Os resultados foram os seguintes:



Fonte: Elaborada pela autora a partir do questionário aplicado.

O padrão de paramentação e desparamentação utilizado para correção das questões foi o intitulado “Sequência correta na paramentação dos profissionais de saúde”⁸. As respostas

encontradas no questionário indicaram uma maior dificuldade em relação à desparamentação, 63% respondeu de forma incorreta a ordem de paramentação e 68% a ordem incorreta de desparamentação, o percentual de acerto para paramentação foi de 37% e para desparamentação de 32%.

CONCLUSÃO

Durante os 13 meses de escala no hospital foi possível verificar a qualidade dos EPIs fornecidos:

- Luvas simplórias que se rasgavam ao primeiro contato com o paciente;
- Capotes permeáveis ao invés de impermeáveis;
- Roupas privativas rasgadas que deixavam os servidores expostos;
- Óculos de proteção arranhados e divididos entre a equipes perdendo o conceito de “individual”;
- Máscaras N95 e cirúrgicas que não se adaptavam ao formato do rosto do servidor, dificultando a vedação de ar;
- Luvas estéreis de tamanhos não compatíveis (durante semanas só havia o tamanho 8,5 disponível, levando em consideração que a equipe de enfermagem é composta em maioria por mulheres, esse tamanho é incompatível com todas as servidoras);
- Capotes de chumbo e protetores de tireoide sem testes que verifiquem sua real situação de proteção;
- Os sapatos antiderrapantes não são disponibilizados pelo empregador, cada empregador é responsável pelo seu.

Em 2019 foi apresentado na Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) o projeto de lei nº 616/2019 o qual estabelece uma indenização que deve compor um valor necessário para a aquisição de jalecos e demais EPIs para os profissionais que atuam na Secretaria de Saúde. De acordo com o projeto, o gasto anual com as vestimentas é estimado em 1 mil reais⁷.

Diante da legislação que garante ao trabalhador proteção frente aos riscos que suas

atividades laborais apresentam, faltam EPIs, falta qualidade nos equipamentos fornecidos e é evidente a falta de treinamento e/ou cursos sobre a utilização dos materiais. O setor não disponibiliza protocolos operacionais padrões (POP's) que orientem os servidores diante das diversas situações que podem surgir em ocorrências durante o plantão de trabalho. Por este motivo, torna-se necessário o aprofundamento nos quesitos estudos com os equipamentos de proteção individual, afim de minimizar os riscos eminentes vivenciados no dia a dia do profissional de enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Gomes SV, Passos JP. As doenças ocupacionais originadas frente à exposição a riscos ocupacionais na prática dos profissionais de enfermagem. *Rev de Pesquisa: Cuidado é fundamental online* [periódico na Internet]. 2010 [acessado 27 abril de 20]; 2 (suplementar dos 120 anos da EEAP/UNIRIO): [cerca de 4 p.]. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1026>
2. Comunicação de Acidente de Trabalho – CAT. Instituto Nacional do Seguro Social [homepage na Internet]. Brasília: INSS; 2019 [acessado 17 maio 20]. Disponível em: <https://www.inss.gov.br/servicos-do-inss/comunicacao-de-acidente-de-trabalho-cat/>
3. Ministério do Trabalho. Portaria MTb nº 877/2018. Dispõe sobre o Equipamento de Proteção Individual (EPI) e o Equipamento Conjugado de Proteção Individual (ECPI) [Internet]. Brasília: MT; 2018 [acesso em 01 de maio de 2020]. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/nr-06-atualizada-2018.pdf>
4. Pinel JS, Gonçalves JBA, Cruz ACS. Educação continuada: Importância do uso de EPI durante manipulação de pacientes em precaução de contato. *Rev de Pesquisa: Cuidado é fundamental online* [periódico na Internet]. 2010 [acessado 27 abril 20]; 2 (número suplementar dos 120 anos da EEAP/UNIRIO): [cerca de 3 p.]. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1149>
5. Neves HCC, Souza ACS, Medeiros M, Munari DB, Ribeiro LCM, Tipple ACFV. Segurança dos trabalhadores de enfermagem e fatores determinantes para adesão aos equipamentos de

proteção individual. *Rev Latino Americana de Enfermagem* [periódico na Internet]. 2011 [acessado 17 maio 20]; 19 (2): [cerca de 8 p.]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4327/5571>

6. Carvalho JFS, Chaves LDP. Supervisão de enfermagem no uso de equipamento de proteção individual em um hospital geral. *Rev Cogitare Enfermagem* [periódico na Internet]. 2010 [acessado 09 maio 20]; 15 (3): [cerca de 7 p.]. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/18897/12205>
7. Alves LC. Projeto garante fornecimento de uniformes para profissionais da saúde. *Câmara Legislativa do Distrito Federal* [homepage na Internet]. Brasília; [atualizado em 22 abril 20; acessado em 23 outubro 20]. Disponível em: https://www.cl.df.gov.br/destaques-e-ultimas/-/asset_publisher/4bKw/content/id/21246033/pop_up
8. BRASIL. *sequência correta na paramentação dos profissionais de saúde*. [homepage na Internet]. Brasília; [atualizado em 23 março 20; acessado em 14 novembro 21]. Disponível em: https://segurancadopaciente.com.br/wp-content/uploads/2020/04/SEQU%C3%8ANCIA-CORRETA-NA-PARAMENTACAO_sus.pdf